1

Portanto, o Início *desta* História

O David e eu estávamos envolvidos numa missão de assalto a *croissants*. Era algo que já tínhamos feito pelo menos umas cem vezes.

Na verdade, quando eu conheci o David foi precisamente numa destas missões de assalto a *croissants*. Nessa altura, o David tinha-me contado que havia acabado de ganhar uma Medalha de Bravura, que ele





trazia sempre pendurada ao peito. (Ainda que, mais tarde, eu tenha ouvido um certo rumor de que aquilo se tratava apenas de uma carica que tinha ficado agarrada a ele por ação de uma pastilha já mastigada quando, por mero acidente, se enfiou num caixote do lixo.)

O David andava a investigar um dos lados do lago quando ambos detetámos um *croissant* comido apenas pela metade, abandonado debaixo de um banco. Mergulhámos em voo picado, colidindo em direção à mesma abertura entre duas tábuas do banco de madeira, e aterrámos exatamente ao mesmo tempo.

E ali ficámos, pendurados de cabeça para baixo, presos ao banco, quando um ganso enorme apareceu e levou o nosso *croissant* com ele. Um ganso! Como é possível? Pelo amor de Nossa Senhora das Aves...


Nunca recuperámos aquele croissant, pois não?
David!
Que foi?
Queres que conte esta história ou não?
Desculpa, Capitão. Anda lá com isso.

O que eu ia dizer era que... nunca recuperámos o nosso *croissant*. Ainda apanhámos o ganso com facilidade, mas deixem-me contar-vos uma coisa a respeito dos gansos. Eles são muito maiores ao perto do que vistos à distância. E são muito bicudos. Tivemos sorte por ter deixado aquela luta com todas as nossas penas.

O David e eu ficámos amigos desde então.

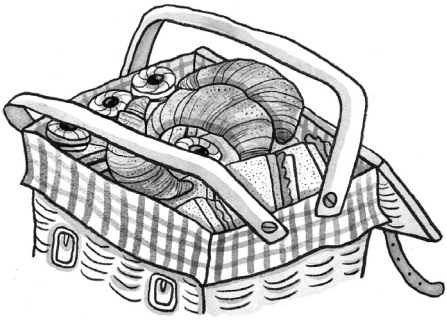


Onde é que eu ia? Ah, sim. O dia em que conhecemos a Gata Malvada. Era a nossa centésima missão de assalto a *croissants*.

Estava uma manhã bonita, soalheira, e eu e o David estávamos esfomeados. Esfomeados ao ponto de começar a dar bicadas nas próprias penas. Tudo o que tínhamos comido ao pequeno-almoço tinham sido umas migalhas ensopadas que um Humano Pequeno já tinha mastigado e cuspido, e um bocadinho, mesmo muito pequeno, de um bolo com cobertura que lá arranjámos maneira de roubar a um pato.

Foi nessa altura que eu topei a Senhora Humana. Mal podíamos acreditar na nossa sorte. Toda a gente sabe que as Senhoras Humanas costumam trazer muitas migalhas com elas. O David diz que é justamente para isso que elas têm malas de mão. O David e eu aproximámo-nos dela, tentando parecer amigáveis e esfomeados.





Tal como esperado, a Senhora Humana abriu a tampa do seu cesto de piquenique. Lá dentro, havia muito mais do que apenas pão! Havia um festim de *croissants*, sanduíches e bolachas. E daquelas com recheio. As minhas preferidas.

— Segue-me — disse eu, aproximando-me aos poucos.

A Senhora Humana detetou-nos.

— Bom dia.

Nós não respondemos, porque não falamos humanês.

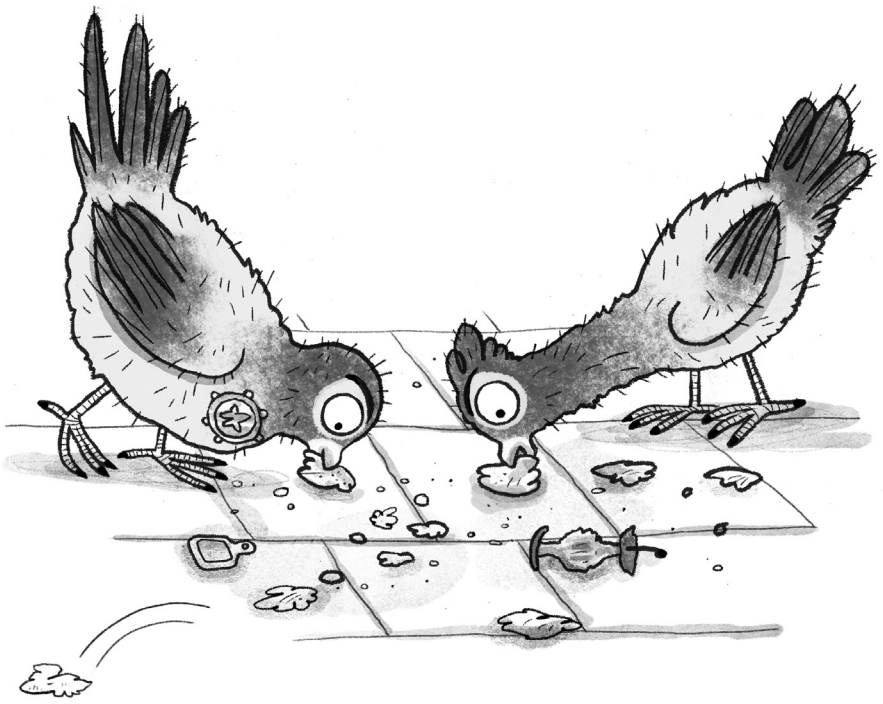
— Querem um bocadinho de *croissant*? — perguntou ela.

Claro que queríamos.

Ele leu os nossos pensamentos e atirou na nossa direção um pedacinho de massa dourada e folhada.

As migalhas doces caíram às nossas patas e devorámos o máximo que conseguimos, enchendo as nossas barriguinhas famintas. Aproximámo-nos ainda mais do cesto, na esperança de levar mais um ou dois bolinhos para mais tarde.

— Devem estar com fome — disse a Senhora Humana, lançando-nos pedacinhos de pão.



O David arrulhou e saltitou para ainda mais perto do cesto.

— Anda daí — disse-me ele.

Senti um cheiro horrível.

— O que é isto?

— O quê?

— Este cheiro...

— Desculpa — disse o David, abanando o ar à saída do seu traseiro. — Acho que é daquele arroz *biryani* que eu comi do lixo ontem à noite.

— Não, não é esse cheiro!

O pivete ficou ainda mais forte e intenso, entupindo-me as narinas e picando-me os olhos.

— Para! — gritou a Senhora Humana. — *Para!*

Uma aparição de pelagem ruiva e branca surgiu de detrás do cesto. Unhas afiadas arranharam-me as penas.

Aquele cheiro intenso a chichi ardente na relva só poderia significar uma coisa. Gato.

Garras feriram-me as costas. Corri depressa, levantei voo e bati as asas como se a minha



vida dependesse disso. Lá em baixo, podia ver fios compridos de saliva esticados entre aquelas presas afiadas, enquanto a bola laranja de pelo saltava atrás de mim, desesperada para me morder.

— PARA! — A Senhora Humana agarrou no seu animal de estimação. — Não sejas uma gata má — disse ela, empurrando a fera uivante para dentro do cesto.

Com os olhos arregalados pelo choque, a Senhora Humana rastejou pela relva e curvou-se sobre as migalhas que nos atirara. Eu voei para mais perto. Lá estava o David. O meu melhor amigo fora atingido. Estava seriamente ferido. Empanturrado de *croissant*, ficara demasiado pesado para poder escapar.

A sua asa esquerda pendia, torcida e esfarrapada. A Senhora Humana ergueu-lhe suavemente as penas flácidas com um dedo.

— Não te preocupes, pombinho. Eu vou tratar-te — disse ela.

A gata rosnou de dentro da sua gaiola de vime.

— Sua gata malvada! — chamou-lhe a Senhora Humana. — Isso não foi nada simpático.

Ela acariciou as penas partidas do meu amigo.

— Vou tomar conta de ti.

A Senhora Humana vasculhou na mala e de lá puxou vários lenços. Envolveu cuidadosamente o meu amigo no tecido. Quando terminou, ele parecia um rolo de papel higiénico com um bico numa ponta e duas patas na outra.



Não lho disse, mas ouvi a Gata Malvada a rir-se.

— Temos de nos pirar daqui — sussurrei eu ao David.

— Não — respondeu ele.

— Não podemos ficar aqui. A Gata Malvada está a pensar em nós para o almoço.

O meu amigo virou-se para mim, com um esgar de dor. Os seus olhinhos arregalados estreitaram-se e as suas narinas dilataram-se.

— Aquela gata vai arrepender-se do dia em que me partiu a asa.

— Mas o que é que vais fazer? Roubar-lhe a comida de gata?

— *Blhac!* — disse o David, torcendo o bico. — O que raio é que eu podia fazer com aquela comida nojenta para gatos?

Afastou para longe, agitando o corpo, aquele repulsivo pensamento.

— Não. Vamos ensinar àquela gata que não deve meter-se com pombos.



